

Bibliomania 1

Bibliografia e outra documentação

Jacques Lacan: *Acerca da causalidade psíquica* (1946)

Sumário

Apresentação.....	p. 3
J. Lacan: <i>Acerca da causalidade psíquica</i>	p. 4

Apresentação

A referência que apresentamos é *Sobre a causalidade psíquica*, um escrito de 1946, no qual Jacques Lacan introduz uma segunda reformulação da psicose, dez anos depois de ter articulado sua tese de doutorado com o estágio do espelho. A causalidade psíquica é definida através do conceito de imago (referência que será um precedente do significante). Se a causalidade psíquica é a identificação, na loucura se trata de uma identificação sem mediação. Limitar-nos-emos a recortar aqui um aspecto desta causalidade: a liberdade do sujeito.

Jacques Lacan começa fazendo uma crítica das teorias orgânicas da loucura, concretamente do organodinamismo de Henri Ey, e situa que a verdade condiciona a loucura como fenômeno. Isto associa intimamente loucura e significação. Se, para Ey e a psiquiatria da época, só se pode abordar a loucura reduzindo-a à *res extensa*, o que implica eliminar o sentido, para Lacan o que caracteriza a loucura é o sentido que o sujeito atribui ao que lhe acontece. Isto implica uma decisão do ser, insondável, o que faz entrar em jogo a liberdade da qual a loucura é um limite.

Em 1967, Jacques-Alain Miller retoma esta questão em um comentário amplo e extremamente interessante do texto de Lacan, do qual transcrevemos alguns parágrafos, para concluir esta apresentação:

“Se não entendemos que a expressão ‘O louco é o homem livre’ é o axioma mesmo da experiência psicanalítica das psicoses, esta permanecerá fechada para nós”. [...]

“Acreditamos ter dito tudo sobre a causalidade das psicoses quando colocamos em função, como outros tantos mecanismos, as fórmulas que herdamos de Lacan: o fracasso da metáfora paterna, a forclusão do Nome-do-Pai e outras que encontramos em seu texto? O mesmo Lacan não acreditava nisto, pois em 1967,¹ ou seja, dez anos depois de *De uma questão preliminar...*, diz: ‘O louco é o homem livre’”.

“Para mim, é indubitável que a elaboração estrutural da forclusão como condição essencial da psicose — que é o pensamento de Lacan em 1958 —, nunca o desviou do que foi sua tese em *Acerca da causalidade psíquica*, de 1946, que ressurgiu em suas palavras em 1967 e sob sua pluma em 1973.³ A tese da liberdade na psicose era a única apropriada, me parece, para distinguir as enfermidades neurológicas da psicose propriamente dita”².

“Se lembro esta referência, que pode parecer distante, é porque o debate ‘Ey X Lacan’ não está fechado; prossegue em nossos dias e somos convocados, em nossa condição de analistas, a manter nosso lugar frente a adversários com mais futuro do que os organodinamistas”.

Notas:

1. Lacan J., “Petit discours aux psychiatres”. Inédito.
2. Miller J.-A., “Sur la leçon des psychoses”, em *Actes de l'ECF, Revue de Psychanalyse*, nº 13, Paris, 1987, pp. 94-97. [tradução livre]
3. Lacan, J., “Televisión”, *Otros escritos*, Buenos Aires, Paidós, 2012, pp. 551-2.

Jacques Lacan, “Formulações sobre a causalidade psíquica”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998, pp. 152-194.

Relatório apresentado nas jornadas psiquiátricas de Bonneval, no qual Henri Ey lançou a discussão em torno do tema: “A psicogênese”. Os relatórios ali apresentados foram publicados volume intitulado Le problème de la psychogenèse des névroses et des psychoses, lançado pela editora Desclée de Brouwer. O presente relatório abriu a reunião.

152

“Crítica a uma teoria organicista da loucura, o organo-dinamicismo de Henri Ey”.

153

Com todo o rigor, o organo-dinamicismo de Henri Ey inclui-se validamente nessa doutrina pelo simples fato de que ele não pode remeter a gênese do distúrbio mental como tal —seja ele funcional ou lesional em sua natureza, global ou parcial em sua manifestação, e tão dinâmico quanto o supnhamos em seu móbil— a outra coisa senão o funcionamento dos aparelhos constituídos na extensão interna ao tegumento do corpo. O ponto crucial, do meu ponto de vista, é que esse funcionamento, [...] continua a repousar, com última análise, numa interação molecular dentro da modalidade da extensão ‘partes extra partes’ em que se constrói a física clássica, ou seja, na modalidade que permite exprimir essa interação sob a forma de uma relação entre função e variável, a qual constitui seu determinismo”.

154

“A questão da verdade condiciona em sua essência o fenômeno da loucura, e que, querendo evitá-lo, castra-se esse fenômeno da significação pela qual penso mostrar-lhes que ele se prende ao próprio ser do homem”.

155

“Refiro-me à loucura, assim como louvo Ey por manter obstinadamente esse termo”.

“Para falar em termos concretos, haverá alguma coisa que distinga o alienado dos outros doentes, a não ser pelo fato de o encerrarmos num asilo, enquanto hospitalizamos estes últimos? Ou ainda, será que a originalidade de nosso objeto é da prática —social— ou da razão —científica?”

“Estava claro que Henri Ey só poderia afastar-se dessa razão, a partir do momento em que foi buscá-la nas concepções de Jackson. É que estas [...] têm por princípio e por fim levar a uma

escala comum de dissoluções, distúrbios neurológicos e distúrbios psiquiátricos. Foi isso que ocorreu, com efeito, e seja qual for a ortopedia sutil que Ey introduziu nessa concepção, [...] ela não permite distinguir essencialmente a afasia da demência, a algia funcional da hipocondria, a alucinose das alucinações, nem tampouco uma dada agnosia de um dado delírio”.

155-56

[Em relação ao caso Schneider analisado por Gelb e Goldstein] “Assim, pergunto a Henri Ey: em que ele distingue esse doente de um louco?”

“De fato, é realmente a reação da personalidade que, na teoria de Henri Ey, aparece como específica da psicose, malgrado as hesitações dele. E é aí que essa teoria mostra sua contradição e, ao mesmo tempo, sua fragilidade, pois, à medida que ele desconhece mais sistematicamente qualquer ideia de psicogênese, a ponto de declarar em algum lugar já nem sequer poder compreender o que significa essa ideia, vemo-lo exacerbar suas exposições com uma descrição "estrutural" cada vez mais sobrecarregada da atividade psíquica, onde reaparece, ainda mais paralisante, a mesma discordância interna.”

158

[No dualismo de Henri Ey], “As doenças mentais são insultos e entraves à liberdade; elas não são causadas pela atividade livre, isto é, puramente psicogénicas”.

159

“O movimento de Henri Ey é por certo empolgante, mas não se pode segui-lo por muito tempo, em razão de percebermos que a realidade da vida psíquica é ali esmagada no nó, [...] que se aperta com firmeza cada vez maior em torno do pensamento de nosso amigo, na medida mesma de seu esforço para se livrar dele, furtando-lhe em conjunto, por uma necessidade reveladora, a verdade do psiquismo e a da loucura”.

163

“*A causalidade essencial da loucura*”.

“Não podemos esquecer que a loucura é um fenômeno do pensamento ...”

[A respeito do fenômeno da loucura] “Um retorno a Descartes não seria inútil”.

164-165

“Antes, sigamos Henri Ey, que, em seus primeiros trabalhos, como Descartes [...] valoriza a mola essencial da crença. [...] Ey viu admiravelmente que ele não podia ser eliminado do fenômeno da alucinação e do delírio.

Mas [...] ele dissolveu a noção de crença, que mantinha sob seus olhos, na do erro”.

166

“Pode-se dizer que o erro é um déficit [...] mas não a crença”.

“Em que consiste, portanto, o fenômeno da crença delirante? Ele é, digamos, desconhecimento, com o que esse termo contém de antinomia essencial. Pois desconhecer supõe um reconhecimento, como evidencia o desconhecimento sistemático; onde realmente deve-se admitir que o que é negado é de algum modo reconhecido”.

“Me parece claro que, nos sentimentos de influência e automatismo, o sujeito não reconhece suas próprias produções como sendo suas. No que todos concordamos em que um louco é um louco. Mas, acaso o mais notável não é que ele tenha que conhecê-las, e não consistirá a questão em saber o que ele ali conhece de si, sem se reconhecer?”

“O fenômeno da loucura não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem”.

168-169

“Enveredemos por esse caminho para estudar as significações da loucura, como nos convidam a fazer as modalidades originais que nela mostra a linguagem: as alusões verbais, as relações cabalísticas, os jogos de homonímia e os trocadilhos [...], e, direi eu, o toque de singularidade cuja ressonância é preciso sabermos ouvir numa palavra para detectar o delírio, a transfiguração do termo na intenção inefável, a fixação da ideia no semantema [...], os híbridos do vocabulário, o câncer verbal do neologismo, o envicamento da sintaxe, a duplicidade da enunciação, e também a coerência que equivale a uma lógica, a característica que, pela unidade de um estilo nas estereotípias, marca cada forma de delírio: tudo isso pelo qual o alienado, através da fala ou da pena, comunica-se conosco”.

“É aí que devem se revelar para nós as estruturas de seu conhecimento, sobre as quais é singular (sem dúvida não por puro acaso), que tenham sido justamente mecanicistas, como um Clérambault e um Guiraud, que melhor as desenharam. [...] A própria referência constante da análise de Clérambault ao que ele denomina, com um termo algo diaforesco, de ‘ideogênico’ não é outra coisa senão essa busca dos limites da significação. Assim, paradoxalmente, ele acaba desdobrando [...] o magnífico leque de estruturas que vai dos chamados *"postulados"* dos delírios passionais aos chamados fenômenos *basais* do *automatismo mental*”.

“De Clérambault foi meu único mestre na observação dos doentes [...]. Pretendo ter seguido seu método na análise do caso de psicose paranoica que foi objeto de minha tese, caso do qual demonstrei a estrutura psicogenética e designei a entidade clínica, pela denominação mais ou menos válida de *paranoia de autopunição*”.

“Essa enferma me chamara a atenção pela significação ardente de suas produções escritas, cujo valor literário impressionou muitos escritores [...]. Sabemos que o nome Aimée com que mascarei sua pessoa é o da figura central de sua criação romanesca.

Quando reúno os resultados da análise que fiz delas, creio que logo se destaca uma fenomenologia da loucura, completa em seus termos”.

169-170

“Os pontos de estrutura que ali se revelam essenciais formulam-se, com efeito, como se segue:

a) A linhagem das perseguidoras que se sucedem em sua história repete, quase sem variação, a personificação de um ideal de malignidade contra o qual sua necessidade de agressão vai crescendo. [...] Tendeu em sua conduta a realizar, sem reconhecê-lo, o próprio mal que ela denunciava.

b) Sua representação de si mesma, ao contrário, exprime-se num ideal totalmente oposto de pureza e devotamento, que a expõe como vítima às investidas do ser detestado.

c) Observa-se, ademais, uma neutralização da categoria sexual em que ela se identifica [...] coerente com o platonismo da erotomania clássica que ela desenvolve em relação a várias personificações masculinas, e com a prevalência das amizades femininas em sua história real.

d) Essa história é constituída por uma luta indecisa para realizar uma vida comum, ao mesmo tempo sem abandonar ideais que qualificaríamos de bovaristas.

Depois, uma progressiva intervenção da irmã primogênita em sua vida extirpa-a por completo, pouco a pouco, de seu lugar de esposa e mãe.

e) Essa intervenção a eximiu, de fato, de seus deveres familiares. Mas, à medida que a foi "liberando", desencadearam-se e se constituíram os fenômenos de seu delírio, que atingiram o apogeu no momento em que, com a própria incidência deles concorrendo para isso, ela se descobriu totalmente independente.

f) Esses fenômenos surgiram numa série de impulsos que designamos pela expressão, que alguns tiveram a fineza de preservar, *momentos fecundos* do delírio”.

“Resistências à apresentação ‘elementar’”.

“É de se notar que, embora a doente pareça sofrer com o fato de seu filho ser-lhe retirado por essa irmã, cujo mau agouro a única entrevista destacou até mesmo para nós, ela se recusa a considerá-la em si mesma como hostil ou sequer nefasta [...]. Ao contrário, ela ataca com intenção homicida a mais recente das pessoas em quem identificou suas perseguidoras”.

“Assim, procuramos situar a psicose em suas relações com a totalidade dos antecedentes biográficos, das intenções confessas ou não da doente, dos motivos, enfim, percebidos ou não, que se destacam da situação contemporânea de seu delírio — ou seja, como indica o título de nossa tese, em suas relações com a personalidade”.

“Parece-nos ressaltar disso, desde o começo, a estrutura geral do desconhecimento. Mas há que entendê-la bem”. Seguramente, pode-se dizer que o louco se acredita diferente de quem é [...]. Convém assinalar que, se um homem que se acredita rei é louco, não menos o é um rei que se acredita rei”.

“O momento de virada é dado, aqui, pela mediação ou pelo imediatismo da identificação e, para dizer a palavra, pela ênfase do sujeito”.

“Não creiam que estou me perdendo, numa formulação que deve levar-nos a nada menos do que ao cerne da dialética do ser — pois é exatamente nesse ponto que se situa o desconhecimento essencial da loucura, que nossa doente manifesta perfeitamente”.

“Esse desconhecimento revela-se na revolta com que o louco quer impor a lei de seu coração ao que se lhe afigura como a desordem do mundo, iniciativa ‘insensata’ [...] basicamente porque o sujeito não reconhece nessa desordem do mundo a própria manifestação de seu ser atual, nem que o que ele sente como a lei de seu coração é apenas a imagem tão invertida quanto virtual desse mesmo ser. [...] Assim, seu ser está encerrado num círculo, a menos que ele o rompa por alguma violência, na qual, desferindo seu golpe contra o que lhe parece ser a desordem, atinge a si mesmo através do contragolpe social”.

“Tal é a fórmula geral da loucura que encontramos em Hegel [...]. Digo ‘fórmula geral da loucura’ no sentido de que podemos vê-la aplicar-se particularmente a qualquer uma das fases pelas quais se realiza mais ou menos, em cada destino, o desenvolvimento dialético do ser

humano, e de que ela sempre se realiza ali como uma estase do ser, numa identificação ideal que caracteriza esse ponto de um destino particular”.

“Ora, essa identificação, cujo caráter sem mediação e ‘presunçoso’ eu quis fazer sentir há pouco, eis que ela se demonstra como a relação do ser com o que ele tem de melhor, já que esse ideal representa nele sua liberdade”.

174

[Sobre *O misantropo*] “Alceste é louco, e Molière o mostra como tal — justamente pelo fato de que, em sua bela alma, ele não reconhece que ele mesmo concorre para a desordem contra a qual se insurge”.

175

[Alceste responde, quando Philinte o questiona]:

Crês, então, ser amado por ela?

Sim, ora essa! responde ele.

Eu não a amaria se não julgasse sê-lo.

Réplica que me pergunto se Clérambault não teria reconhecido como mais decorrente do delírio passionnal que do amor.

“[Alceste] “A paixão de demonstrar a todos sua unicidade, nem que seja no isolamento da vítima [...]. Quanto à mola do desfecho, ele é dado pelo mecanismo que, bem mais do que à *autopunição*, eu referiria à *agressão suicida do narcisismo*”.

176

“Uma falha singular da concepção de Henri Ey, que ela o afasta da significação do ato delirante”.

“Guiraud, mecanicista, em seu artigo sobre os *Assassinatos imotivados*, faz questão de reconhecer que não é outra coisa senão o *kakon* de seu próprio ser que o alienado procura atingir no objeto que ele fere”.

177

“Eu poderia, em vez de Alceste, ter buscado o jogo da lei do coração”.

Pois o risco da loucura se mede pela própria atração das identificações em que o homem engaja, simultaneamente, sua verdade e seu ser.

Assim, longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência.

Longe de ser para a liberdade ‘um insulto’, ela é sua mais fiel companheira [...]. E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade. [...] Não fica louco quem quer”.

“Mas tampouco é quem quer que atinge os riscos que envolvem a loucura. Um organismo débil, uma imaginação desordenada e conflitos que ultrapassam as forças não bastam. É possível que um corpo de ferro, identificações poderosas e as complacências do destino, inscritas nos astros, levem com mais certeza a essa sedução do ser”.

178

“Não creio, no entanto, que seja esse meu propósito, pois me parece que, zelando por manter exatas as distâncias humanas que constituem nossa experiência da loucura, conformei-me à lei que, literalmente, faz existirem seus dados aparentes: sem o que o médico, tal como aquele que contesta ao louco que o que ele diz não é verdade, não divaga menos que o próprio louco”.

179

“Por último, creio que, ao devolver a causalidade da loucura à insondável decisão do ser em que ele compreende ou desconhece sua libertação, à armadilha do destino que o engana quanto a uma liberdade que ele não conquistou, não estou formulando outra coisa senão a lei de nosso devir, tal como a exprime a fórmula antiga: *Genoi, oíos essi*”.

“Definir a causalidade psíquica [...] com o conceito de *imago*”.

“A história do sujeito desenvolve-se numa série mais ou menos típica de *identificações ideais* que representam os mais puros dentre os fenômenos psíquicos por eles revelarem essencialmente a função da *imago*”

181

“Ao abarcar com essa expressão [conhecimento paranoico] uma estrutura fundamental desses fenômenos, pretendi designar, senão sua equivalência, ao menos seu parentesco com uma forma de relação com o mundo que tem um alcance particularíssimo [o transitivismo]”.

“Já aí se manifesta um traço essencial da *imago*: [...] que portanto implica como primitivo um certo reconhecimento”.

“O primeiro efeito que aparece da *imago* no ser humano é um efeito de *alienação* do sujeito”.

184-185

“Eu havia destacado esse traço significativo em minha tese, quando me esforcei por explicar a estrutura dos "fenômenos elementares" da psicose paranoica.”

“Apercebi-me, dizia eu, na própria observação de minha doente, de que era impossível situar com exatidão, através da anamnese, a data e o lugar geográficos de certas intuições, de ilusões da memória, de ressentimentos convincentes e de objetivações imaginárias que só podiam ser relacionadas ao *momento fecundo* do delírio tomado em seu conjunto. [...] E admiti que esses fenômenos se dão primitivamente como reminiscências, iterações, séries, jogos de espelho, sem que seu próprio dado possa ser situado pelo sujeito, no espaço e no tempo objetivos, de maneira mais exata do que ele consegue situar seus sonhos”.

188

[Em relação aos jogos de ocultação das crianças e o que eles revelam] “No limiar desse desenvolvimento, portanto, eis aí ligados o Eu primordial, como essencialmente alienado, e o sacrifício primitivo, como essencialmente suicida: Ou seja, a estrutura fundamental da loucura”.

189

“Funda-a [imagem] uma forma de causalidade que é a própria causalidade psíquica - a *identificação*, que é um fenômeno irreduzível -, e a *imago* é a forma definível, no complexo espaço-temporal imaginário, que tem por função realizar a identificação resolutive de uma fase psíquica, ou, em outras palavras, uma metamorfose das relações do indivíduo com seu semelhante”.

193

“Pois se haver reconhecido a distância inquantificável da *imago* e a contundência ínfima da liberdade como decisivas da loucura ainda não basta para nos permitir curá-la, talvez não esteja longe o tempo em que isso nos permitirá provocá-la. Pois se nada pode garantir que não nos percamos num movimento livre rumo ao verdadeiro, basta um nadinha para nos assegurar de que transformemos o verdadeiro em loucura. Teremos então passado do domínio da causalidade metafísica, do qual se pode zombar, para o da técnica científica, que não se presta a risos”.

“Por ora, proponho-lhes o equacionamento das estruturas delirantes e dos métodos terapêuticos aplicados às psicoses, em função dos princípios aqui desenvolvidos, — a partir do apego ridículo ao objeto de reivindicação, passando pela tensão cruel da fixação hipocondríaca, até o fundo suicida do delírio das negações”.